

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 26

Data: 30 de Novembro de 1986

Pg.: \_\_\_\_\_



## Adeus às fronteiras

Edilson Martins

**C**ARTA do Capitão Avêncio P. Rojas, capelão da Universidade de Cavalaria nº 7 Afonso Ugarte, de Contamana, à Chefia do Corpo de Capelães Castrenses da V Região (Amazônia).

"Meu Comandante e caro amigo;

Cumpro o dever de lhe informar que, por duas vezes consecutivas, durante o mês, minha unidade recebeu a visita de grupos de prostitutas, oriundas de Iquitos e vindas até aqui de barco, que foram alojadas no quartel, e as quais puderam exercer comércio carnal com a tropa à olhos vistos e com a total anuência da oficialidade."

Quem nos dá notícia dessa ocorrência é Vargas Llosa, em seu livro "Pantaleão e as Visitadoras", leitura hoje obrigatória e atual. Principalmente quando é o Exército brasileiro que se propõe a ocupar, militarmente, a região Norte, ao longo de 6 mil e 500 quilômetros que fazem fronteira com a Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa.

Estamos falando de Calha Norte, esse projeto oriundo do Governo Médici, portanto, de um período dominado pelo ufanismo faraônico. Sim, porque ao inaugurar, em julho de 1973, na localidade de Porto Grande, a 112 Km de Macapá, a Rodovia Perimetral Norte, encontrava-me lá, Médici desencadeava um dos mais ambiciosos projetos do regime militar brasileiro.

A Perimetral Norte, que a selva se encarregou de rearborear e o tempo de ridicularizar, pretendia criar um complexo de estradas, na região Norte do país, num período de quatro anos. Percorreria mais de 4 mil Km da Amazônia e integraria ao restante do país uma área de 1 milhão e 300 mil Km<sup>2</sup>, fronteira com seis países (Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa).

Os militares brasileiros estão

preocupados com os problemas dessa região de fronteira. Aliás, estimado leitor, já observou que coisa mais sem graça é um militar despreocupado? Pega até mal.

Na região do Calha Norte, que visa à ocupação militar sob o enfoque do desenvolvimento e segurança das áreas do Pará, Amazonas, Roraima e Amapá a preocupação diz respeito especialmente ao garimpo ilegal, ao narcotráfico, à exploração ilegal de peles e até mesmo à guerrilha.

O Projeto Calha Norte será executado, em princípio, por sete pelotões, cada um com 40 ou 60 homens, dependendo da necessidade, totalizando 400 militares. É pouco, é quase uma quimera.

Mas o Projeto, em seu todo, não prima por falta de ambição.

O Brasil, por não ter princípios, ou não ter fé em seus princípios, não pode propriamente ter costumes. Embora hoje tenhamos um Presidente que usa jaquetão, e calça com vinco — falta ser de tergal, e aí seria demais — já fomos recentemente um povo da capoeira, das navalhas, das procissões, e nunca esquecer, da tortura. E tortura desencadeada por militares, não é maledicência repetir.

Tirar os militares da vida pública, civil, do Parlamento, das estações, dos escritórios de Brasília, da Chefia Suprema da Nação, do Governo dos estados, e agora enviá-los à fronteira, à malária, ao tédio das noites e dias iguais, a uma sexualidade hetero, escassa, senão avara e inexistente, soa como punição.

São muitos os desafios que os nossos bravos militares terão que enfrentar na fronteira Norte, no coração da Amazônia, na última reserva verde da nave Terra. Entretanto, o capítulo da sexualidade merece atenção. Não se reprime

impunemente um militar. Ainda mais armado. O Exército peruano já viveu experiência similar, e as cicatrizes não foram poucas.

A boca que já beija pode der cúmplice amanhã da mão que apedreja. Há uma sensação generalizada de trapaça. A classe média, os assalariados e até mesmo a burguesia comercial sentem-se traídos no Brasil do Cruzado II. O assanhamento hoje já não é privativo da direita, conforme denunciou Brizola. O país inteiro está assanhado a partir do Cruzado II.

E mais uma vez, e nada indica que não, um ambicioso projeto militar de desenvolvimento e segurança — duas palavrinhas que no Brasil quando se juntam tornam-se tenebrosas — aborta antes de decolar. E aborta por falta de avaliação política e dos verdadeiros recursos de uma nação com reserva de mercado na informática, mas também o país do botequim, o país ainda dividido em duas bandas; os que comem e os que não comem.

A pá de cal, a solução final que ameaçava o que sobrou de nossas populações indígenas na Amazônia — o Calha Norte recusava demarcar os territórios indígenas ao longo dessas fronteiras — desconfio que por enquanto esteja adiado.

O Presidente Sarney está triste, dizem os jornais, com a incompreensão popular diante do Cruzado II. Mas continua exibindo impecável jaquetão e calças com vinco. As nações indígenas na jurisdição do Calha Norte continuam lá, no meio da selva, em harmonia com a natureza, de bem, por enquanto, com a vida. O perigo está na banda de fora, no país da reserva de mercado na informática, no cristianismo, na nação de uma minoria que come e uma maioria que passa fome, e na sexualidade reprimida de militares, sempre anunciados e que até hoje, graças a Deus, não chegaram.